

GEOGRAFIA INDÍGENA “APRENDEMOS COM OS ANIMAIS, SEM LER, SEM ESCREVER”, NARRATIVAS DOS PROFESSORES INDÍGENAS DO ACRE E SUDOESTE DO AMAZONAS

RENATO ANTONIO GAVAZZI¹

CPI-ACRE, BRASIL

<https://orcid.org/0009-0008-5584-5170>

MARIA LUCIA CEREDA GOMIDE²

UNIR, BRASIL

<https://orcid.org/0000-0002-5878-4800>

RESUMO: *O presente trabalho enfoca uma experiência de formação de professores indígenas acreanos na disciplina de Geografia. Discute determinados aspectos do conhecimento geográfico relacionados aos fenômenos naturais de alguns povos indígenas que vivem nas florestas tropicais da Amazônia ocidental brasileira, especificamente localizados no Acre e Sudoeste do Amazonas. Cada povo que habita nessa região tem uma visão e uma compreensão própria do seu mundo, criou maneiras de viver, de usar seu território, manejar a paisagem, e é a respeito desses diferentes olhares sobre os fenômenos naturais no ambiente tropical que este texto irá tratar.*

PALAVRAS-CHAVE: *Geografia, povos indígenas, professores indígenas, conhecimento tradicional, fenômenos naturais.*

ABSTRACT: *This work focuses on an experience of training indigenous teachers from Acre in the discipline of Geography. It discusses certain aspects of geographic knowledge related to the natural phenomena of some indigenous peoples who live in the tropical forests of the western Brazilian Amazon, specifically located in Acre and Southwest Amazonas. Each people who live in this region has their own vision and understanding of their world, they have created ways of living, using their territory, managing the landscape, and it is these different perspectives on natural phenomena in the tropical environment that this text will address.*

KEYWORDS: *Geography, indigenous peoples, indigenous teachers, traditional knowledge, natural phenomena.*

¹ Geógrafo, especialista em agricultura biodinâmica pelo Emerson College, com mestrado em Geografia Física pela USP. Desde 1983, trabalha com povos indígenas no Brasil, Venezuela e Bolívia. Em 1996, no âmbito do trabalho na Comissão Pró-Índio do Acre, criou um novo profissional Agente Agroflorestal Indígena, pelo programa de Gestão territorial e ambiental da Comissão Pró-Índio do Acre. Faz parte do Laboratório de artes e estudos de espaço e cultura da UFAC. Em 2023, foi coordenador técnico e pedagógico da formação dos agentes agroflorestais Maxacali, no projeto Hãhhi, pelo Instituto Opaoká. Atua na Comissão Pró-Índio do Acre.

² Mestrado (2004) e Doutorado (2009) em Geografia pela USP, Departamento de Geografia FFLCH/USP, Pós-doutorado em Geografia pela UFSC(2017/18). Desde 2010, atua como professora do Departamento de Educação Intercultural da Universidade Federal de Rondônia. Pesquisa, principalmente, as áreas de geografia humana e educação escolar intercultural.

GAVAZZI, Renato Antonio; GOMIDE, Maria Lucia C. Geografia Indígena “aprendemos com os animais, sem ler, sem escrever”, narrativas dos professores indígenas do Acre e Sudoeste do Amazonas. *Espaço Ameríndio*, Porto Alegre, v. 18, n. 2, p. 264-282, mai./ago. 2024.

Introdução

A zona tropical engloba uma diversidade de paisagens, porém a grande maioria das pessoas imagina erroneamente que ela é um lugar homogêneo muito verde, com muitas palmeiras, com chuvas torrenciais e com uma exuberante vegetação. A zona tropical, no entanto, é também formada por extensos desertos, montanhas de grande altitude cobertas por gelo, e regiões semiáridas com baixo volume pluviométrico. A zona tropical apresenta uma rica e complexa biodiversidade, e também uma ampla e variada diversidade sociocultural. Cada povo que habita nessa região tem uma visão e uma compreensão próprias do seu mundo, criou maneiras de viver, de usar seus territórios, manejar a paisagem e construir seu espaço geográfico, e é a respeito desses diferentes olhares sobre os fenômenos naturais no ambiente tropical que este texto irá tratar.

Segundo Conti (2002), “o trópico não é apenas uma categoria geográfica. Pode ser entendido também no plano cultural, sociológico” e antropológico. A grande maioria dos povos indígenas e dos povos tradicionais da zona tropical vive entre as baixas latitudes. Esses mantêm uma estreita relação com o meio ambiente, têm um complexo sistema de classificação dos recursos naturais e fazem dele uma interpretação diferente daquela dos ocidentais.

Atualmente, de acordo com Censo IBGE de 2022, apenas no Brasil, vivem 305 povos indígenas, que falam 274 línguas, com uma população de aproximadamente 1.693.535 pessoas. E é sobre os povos indígenas que vivem na Amazônia Ocidental, especificamente no estado do Acre e no Sudoeste do Amazonas, que este texto irá tratar, enfocando a compreensão indígena do meio ambiente, relacionada às diferentes manifestações dos fenômenos da natureza. Neste sentido, será discutido, o “constante interagir” dos povos indígenas, seus saberes e sua relação com o saber científico.

As sociedades indígenas têm uma relação diferenciada com o ambiente e esta diversidade está baseada nas diferentes formas de organização social desses povos, e no que isso tem implicado, ao longo do tempo, em sua relação com a natureza. Dizê-las simplesmente como sociedades humanas integradas à natureza, é dizer rigorosamente nada. É preciso decifrar essa integração, ou melhor, esse constante interagir. E para tanto, é necessário que se conheça os mecanismos utilizados por esses povos na sua relação com o ambiente: mecanismo esses historicamente dados pela sua própria compreensão do universo, pela sua visão de mundo (Magalhães, 1993, p 19).

O presente trabalho parte de uma inquietação que surgiu durante uma experiência na formação de professores indígenas acreanos e do Sudoeste da Amazônia na disciplina de Geografia, em curso da Comissão Pró Índio do

Acre (CPI-Acre). Desta forma, enfocaremos os conhecimentos geográficos indígenas em suas visões de mundo.

A Geografia, a forma de interpretar a Geografia vai mudando de acordo com a vivência do ser humano na terra. A definição de território, de invasão, de Geografia vai mudando, as formas de ver o mapa, podem mudar, se a gente não estiver refletindo a nossa forma tradicional. A nossa Geografia é muito baseada em alguns fenômenos que a natureza tem. Por exemplo, para a gente conhecer a friagem, não precisa conhecer essas coisas de máquina. O vento tem uma certa época que dá ao contrário, e a folha da embaúba vira. Então ali é um sinal. E essas coisas a gente tem que observar que os nossos velhos ainda têm. E isso a gente pode aprender, que a natureza ensina tudo. A nossa riqueza está muito nisso. Na época da desova, na época de muita fruta; quando o macaco está gordo, ou a fruta está boa, quando a casca da fruta está madura. Então são coisas que a gente tem que aprofundar nessas coisas. Para nós, a geografia não tem nome. E quando nós falamos na educação diferenciada, vem uma prática que precisa ser fortalecida, de uma geografia mais próxima à realidade da nossa natureza. Essa é uma geografia de muitos povos indígenas até hoje. Nós criamos a nossa forma de educar, de transmitir o conhecimento da nossa aldeia. O que nós estamos fazendo aqui é para nós, para o nosso povo (Professor Isaac Piyãko, 2004)³

A narrativa do professor Isaac chama a atenção para uma geografia indígena que não deve continuar invisível aos geógrafos brasileiros, pois a invisibilidade impede ousadias conceituais e metodológicas. A “tradição científica e filosófica ocidental tende a considerar importante uma gama muito restrita de experiências de mundo. Isso se reflete num olhar reducionista, do qual a geografia não escapa, que produz enormes ausências e opacidades” (Guerra e Arruzzo, 2020 p. 117). Neste sentido, pode-se concordar com o autor Herman quando escreve que “considerar a geografia indígena em seus próprios termos requer primeiro que desestabilizemos e desloquemos o edifício da ‘racionalidade’ sobre o qual a geografia descansa” (Herman, 2008, p 74). A geografia indígena vem para “enriquecer el conocimiento humano, incorporando la diversidad, nuevas formas de comprender el mundo que también son legítimas porque son históricas” (Macas, 2005: p 41).

Para Boaventura Sousa Santos (2010 p. 43,44), na sua discussão sobre uma epistemologia do sul, há uma grande diversidade de pensamentos, “modos de ser, sentir e conceber o tempo e uma relação entre seres humanos e seres não-humanos, de ver o passado e o futuro, de organizar

³ Entrevista realizada no Centro de Formação dos Povos da Floresta em Rio Branco, 2004.

GAVAZZI, Renato Antonio; GOMIDE, Maria Lucia C. Geografia Indígena “aprendemos com os animais, sem ler, sem escrever”, narrativas dos professores indígenas do Acre e Sudoeste do Amazonas. *Espaço Ameríndio*, Porto Alegre, v. 18, n. 2, p. 264-282, mai./ago. 2024.

coletivamente a vida (...).” Na verdade, há muitas outras formas e visões de mundo que não são conhecidas e valorizadas. O conhecimento e as perspectivas indígenas têm sido historicamente marginalizados ou totalmente excluídos da geografia. Porém, nas últimas décadas, tem havido um reconhecimento da importância da integração do conhecimento geográfico indígena na academia. Esse conhecimento tradicional indígena, com seus desafios e suas ofertas, baseia-se em compreensões profundas e íntimas do mundo natural e sobrenatural e incorpora formas holísticas de conhecimento que disponibilizam informações preciosas sobre as relações entre homem e meio ambiente. Além disso, os povos indígenas através das relações íntimas com seus territórios e seus lugares produzem geografias singulares que aumentam a profundidade e a complexidade do estudo das geografias indígenas. (Elkinton, 2023).

O saber geográfico indígena, o saber tradicional e o saber científico

Os cursos de formação de professores indígenas foram realizados pela Comissão Pró-Índio do Acre (CPI-Acre) como parte do “Projeto Uma Experiência de Autoria⁴”. Durante a década de 1990, no início do trabalho da disciplina de Geografia nesses cursos, os indígenas demonstraram uma grande curiosidade em saber como o estudo da geografia explica os fenômenos naturais. Queriam entender como e por que acontece a chuva. Quando chove aqui, chove em toda parte? De onde vem o vento? Por que nos meses de maio a julho no Acre chega a friagem, deixando todos sentindo muito frio nas aldeias? Por que no Acre a terra treme? Por que a lua muda de face? Como acontecem o dia e a noite? A terra remenda com o céu? Essas eram as perguntas que muitos professores indígenas faziam no curso.

As suas dúvidas e curiosidades me faziam pensar: como trabalhar a geografia com os professores indígenas? Devemos trabalhar com esses temas? Como trabalhar com os dois conhecimentos, o tradicional e o científico, sem mostrar a superioridade de um conhecimento sobre o outro, sem que o nosso saber desvalorize ou anule o saber tradicional indígena? Como valorizar os conhecimentos tradicionais dos povos indígenas da Amazônia, que a cada dia que passa vêm se perdendo por conta de processos de dominação e apagamento cultural que chegaram com a ocupação branca? Ou seja, frente a esse processo conflitivo, como trabalhar a disciplina de Geografia num projeto de educação intercultural, diferenciado, bilíngue, o pensamento popular, tradicional, mítico, relacionando esse saber com o pensamento científico ocidental?

Diante dessas interrogações, que não são pequenas, propus aos professores que antes que eu desse uma explicação “científica” a respeito de

⁴ O conceito e a prática de autoria teve como berço o projeto “Uma Experiência de Autoria” da CPI-Acre, iniciado em 1983 já com este nome de batismo, por querer expressar e incentivar as práticas de emancipação políticas e linguísticas educacionais dos indígenas do Acre.

GAVAZZI, Renato Antonio; GOMIDE, Maria Lucia C. Geografia Indígena “aprendemos com os animais, sem ler, sem escrever”, narrativas dos professores indígenas do Acre e Sudoeste do Amazonas. *Espaço Ameríndio*, Porto Alegre, v. 18, n. 2, p. 264-282, mai./ago. 2024.

tais fenômenos, eles expusessem os seus conhecimentos sobre determinados fenômenos da natureza, e foi através desse primeiro contato que os professores indígenas começaram a registrar seus saberes sobre o ambiente amazônico nas aulas de Geografia.

Para Posey (1987, p. 23) é essencial estabelecer o tom necessário a um relacionamento compartilhado entre iguais, em vez de uma doação de informações a um indígena com uma concepção diferente de mundo e de vida. O conhecimento tradicional das populações indígenas é específico e é indispensável para a vida cotidiana no seu ambiente.

Segundo Diegues *et al*, (2001, p. 30) o conhecimento tradicional é rica fonte de informações sobre o meio ambiente, assimilado como o conjunto de saberes e saber-fazer em relação ao mundo natural, sobrenatural é transmitido oralmente de uma geração para outra: “Existe uma interligação orgânica entre o mundo natural, o sobrenatural e a organização social” escreve ele.

Nós Kaxinawa sabemos quando vai acontecer algumas coisas porque temos pássaros da floresta, têm as árvores da floresta que nos dão alguns sinais. A manifestação da floresta se dá pela força dela própria, os pássaros adivinham coisas, por eles já estão o sabendo. Quando vai dar tudo certa qualquer coisa que a gente vai fazer, os pássaros ficam cantando de uma maneira que a gente percebe que eles estão animados, aí vai dar tudo certo, a viagem para onde a gente vai, pode ser uma boa caçada, ou pescaria. Esse passarinho é bem pretinho, nós chamamos de txã-ika. Esses pássaros moram na floresta, vive na natureza. As árvores também adivinham, quando uma árvore está gemendo, a gente já sabe, se nós remedarmos vamos ficar com dor de dente bem forte. A natureza é nosso Deus, em que nós acreditamos, ele é o cipó, porque ele é da natureza, da floresta. Nossos antepassados contavam para nossos avôs a sabedoria que a floresta tem, tudo que existe na dentro dela, nós acreditamos. Ela conta para os pássaros, e os pássaros nos contam os segredos da natureza através dos avisos. É assim que nós sabemos quando vai chover, quando vai chegar friagem, quando tem vento forte, quando está para chegar o verão (Valdir Ferreira Kaxinawá, In: Gavazzi, 1993).

A geografia indígena, um outro olhar sobre a Amazônia brasileira

Geografia é onde o rio está.
Onde o município está.
É para onde vem o sol.
É para onde vai o sol.
Este rio para onde vai?

Geografia é a divisão das águas.
É igarapé, igapó, lago, açude, mar.
É a medição da terra, a demarcação.
É fotografia, desenho, cor, é um mapa.
É descobrir e aprender o que tem um mapa.

Geografia é mata, floresta, cipó, mariri.
 É um estudo para descobrir o tempo:
 Sol quente, verão, friagem, vento, inverno.
 É a chuva, nuvem, casa, gente, relâmpago, trovão.
 É peixe, folha, lua, estrela, é a energia da floresta,
 dos animais: da paca, tatu, macaco-prego, onça, veado,
 jacaré, jabuti, capivara, capelão, tamanduá-bandeira.

Geografia é o homem que transforma muitas coisas:
 a mata numa cidade, a terra num roçado, a folha em
 remédio,
 a madeira em barco, a macaxeira em farinha.
 É o seringal, a colocação, a estrada de seringa.
 É a economia da borracha, o dinheiro da floresta.
 É o índio seringueiro, caçador, pescador e professor.

Geografia é o entendimento da aldeia e do mundo.
 Do nosso mundo e do mundo do branco.
 É a cidade, o Brasil e os outros países.
 Geografia é a história do mundo.
 O mundo é a terra, a terra a aldeia, o rio,
 o rio que cai num outro rio, que cai num outro rio,
 que cai no mar. Geografia é o depois do mar.
 O mar que aguenta a terra, o homem e sua casa.

Geografia é aquilo que precisamos para viver:
 Precisamos da terra para plantar nosso alimento,
 precisamos do rio para viajar de canoa, pescar, banhar.
 Precisamos da mata, do sol, da lua, das estrelas,
 das nuvens, das chuvas e do ar para viver.

É estudando geografia que podemos saber do tamanho
 da nossa terra, nossa riqueza, nossa cultura,
 do que ainda pertence ao nosso povo,
 e que o branco, o nawa, não vai tomar mais. (Resende e
 Gavazzi, 1992: p 5)

Cada povo tem um modo particular de entender e de se relacionar com a terra, com as águas, com o céu, com a chuva, com o vento, com o sol, com as plantas, com os animais, com a floresta, e com outros povos, outras formas de interpretação do espaço, uma ou outra visão do mundo (Brasil, 1998), “refletindo nele sua cultura por meio de símbolos, em sua maioria de base mítica e religiosa” (Resende, 2006).

Para Benites (2020), em seu artigo sobre a visão de mundo Guarani Kaiowá, o universo é composto por “patamares celestes” e localiza-se nos horizontes onde se encontram o céu e a terra.” Neste sentido explica que,

Cada patamar celeste constitui um sistema específico, apresentando distintas condições de luminosidade, relevo, vegetação e, principalmente, dos tipos de seres que habitam o local e das modalidades de interação aí desenvolvidas. Apresenta uma base sólida semelhante à terra onde vivem os humanos, servindo como suporte para o desenvolvimento das formas de vida aí encontradas. Sobre essa base sólida existe uma atmosfera parecida com a terrestre, inclusive com diversas camadas de nuvens. As camadas de nuvens mais altas servem como uma espécie de colchoado, sobre o qual emerge o patamar superior, igualmente constituído, e assim sucessivamente (Pereira, 2004, p. 23 apud Benites 2020:22).

Como afirma Porto Gonçalves (2015), os povos indígenas nos oferecem uma riqueza de conhecimentos, um patrimônio que deve ser considerado e, mais do que isso, deve se descolonizar do nosso pensamento/ação:

Afirmamos, pois, que é da natureza do pensamento/ação colonial inferiorizar o diferente como condição da sua colonização: ninguém coloniza ninguém que considere igual ou eventualmente superior. Enfim, a inferiorização do outro/do diferente é condição da colonização. Logo, descolonizemos (Porto-Gonçalves, 2015 p. 238).

A Geografia da Natureza se dá através dos animais

Considera-se neste estudo que, para a análise das narrativas indígenas sobre os fenômenos naturais, aqui estudadas, é importante a teoria do perspectivismo ameríndio de Viveiros de Castro (1996), na qual:

O modo como os humanos vêem os animais e outras subjetividades que povoam o universo — deuses, espíritos, mortos, habitantes de outros níveis cósmicos, fenômenos meteorológicos, vegetais, às vezes mesmo objetos e artefatos —, é profundamente diferente do modo como esses seres os vêem e se vêem (Viveiros de Castro, 1996: p. 117).

Vejam os exemplos a narrativa dos professores indígenas sobre os avisos vindos dos animais e da vegetação, quando está próxima a chegada da friagem.

Quando é perto do verão, tem vários tipos de avisos de bichos. Mas primeiro flora o pau que nós chamamos de mutamba. Depois, canta o bem-te-vi da mata, dizendo que a

terra vai ficar dura. Logo depois passa mais um bando de passarinhos de todas as cores, vermelho, azul, amarelo, verde, avisando ao pessoal que a friagem já vem perto. Depois disso canta o passarinho da noite que nós chamamos *shetika* e com três a quatro dias aparece a friagem. São os primeiros sinais de verão (Resende, Gavazzi, 1992: p 34)

Na narrativa a seguir, vamos observar que o professor Kateyuve Yawanawa afirma que o “estudo da geografia ajuda aprender e ter conhecimento do lugar de onde vivemos”. Ele relata a importância dos conhecimentos geográficos indígenas e marca a relevância desse conhecimento através da compreensão da “fala” dos animais, pois eles comunicam determinados “acontecimentos”, mas para compreender tais avisos é necessário entender a sua “fala”.

Na opinião do povo Yawanawa, a geografia é muito importante porque tudo que tem no mundo está envolvido na geografia. A geografia indígena tem muito valor para nós. Nem eu próprio conhecia a palavra geografia, mas já conhecia o saber indígena da geografia. A geografia da natureza pode trazer um bom conhecimento para as crianças da escola: estudando a terra, o sol, a lua, as águas, as chuvas, as matas, os ventos, as estrelas, o mundo, o universo, o espaço sem fim. Os seres humanos precisam da terra, da água, do vento, do sol, do dia, da noite, das plantas. O homem para ter vida, depende da natureza, e o estudo da geografia ajuda aprender e ter conhecimento do lugar de onde vivemos. A geografia da natureza depende do conhecimento que se dá através dos animais, ao compreender as suas falas. Para nós, na nossa geografia, nunca se pode dizer que os seres vivos não sabem de nada. Tantos os animais da floresta, como os seres humanos sabem de alguma coisa. Tudo faz parte da geografia. Os bichos sabem da geografia. A saracura adivinha chuva. O rouxinol adivinha o verão. O sabiá da mata adivinha quando a terra está dura. O gavião adivinha um dia de sol. O jacaré vai adivinhar quando vai chover. O macaco capelão sabe das horas. Como aprendemos a geografia da natureza? Aprendemos com os animais, sem ler, sem escrever (Fernando Kateyuve Yawanawa, In: Gavazzi, 1993).

Em outro texto, Isaias Ibã Kaxinawa, também comenta sobre estas relações com os animais e a ciência indígena:

Por que o índio sabe quando vai chover ? Nós estamos ligados com os bichos da natureza, nossa ciência é diferente dos brancos nawá. Nós sabemos quando vem a chuva. O

passarinho da mata avisa, conta para o índio quando ele vai trabalhar no roçado ou quando anda caçado. Esse passarinho avisa assim: *txã, txã, txã...* Passarinho bem preto, cantando para o lado direito, cantando para o lado esquerdo, avisando coisa ruim ou coisa boa. Logo o índio fica pensante, é chuva ou alguma novidade. Logo a gente fica preocupado. Esse passarinho não canta toda hora, somente canta avisando alguma novidade muito séria. A ciência do índio é a ligação dos animais com a natureza. (Prof. Isaias Iba Kaxinawa, In Gavazzi, 1993).

Neste sentido, explica segundo Descola (1998, p. 27), que para os Achuar as plantas e os animais, são todos dotados de uma alma e essa cosmologia não diferencia os humanos e os não-humanos, “os animais, e as plantas em menor medida, são aí percebidos como sujeitos sociais, dotados de instituições e de comportamentos perfeitamente simétricos àqueles dos homens”. Para o perspectivismo ameríndio os animais apresentam características humanas e os processos de metamorfose também poderiam ser justificados, “os animais são gente, ou se veem como pessoas” (Viveiros de Castro, 1996, p.117).

O vento tem um braço e um olho só

Durante os meses de maio a julho, o Acre sofre com as baixas temperaturas das famosas “friagens”, anticiclones de origem polar que após transporem a cordilheira dos Andes, ao sul do Chile, chegam ao Acre. Alguns são excepcionalmente poderosos e provocam o chamado fenômeno da friagem, caracterizado por forte umidade específica e relativa, acompanhada de chuvas frontais e sucedidas por tempo bom e extraordinária queda de temperatura, que pode atingir mínima de até 7 graus Celsius. As friagens chegam com fortes ventos e, na compreensão dos *Huni Kuĩ* (Kaxinawa), os ventos são muito perigosos, pois eles transmitem doenças e podem levar o espírito das crianças para lugares distantes, o que pode até causar a morte. Por esse motivo, quando é tempo de forte ventania, as crianças devem ficar dentro de suas casas e todos devem manter silêncio. Essa compreensão do vento está contextualizada em várias manifestações da natureza, é desse modo que ele é compreendido, associado com a vinda da friagem, com a floração do algodoeiro e a dispersão de suas sementes, com os primeiros voos de alguns pássaros.

(...) desde o começo do mundo o vento existe feito pela natureza ele é o ar que respiramos. O vento é invisível portanto não podemos pegar e nem ver. Mas podemos pressentir através dos movimentos das árvores e quando ele nos toca no nosso corpo. O vento nunca para de ventar é

ventando dia e noite. Ele anda pelo mundo como viajante, e é encontrado em toda parte, em todo lugar, em qualquer canto. A gente vê o tipo de vento pelo sinal das nuvens, se ele é fraco ou se ele é forte. O tipo de vento forte, a gente conhece por temporal ou furacão. Já na nossa língua *hãtxa kuĩ*, a gente chama de *niwe yuxibu* ou *niwewa*, mas esse vento existe mais no inverno. Os meses que venta mais em nossas aldeias são: junho, julho, agosto e setembro. Na época de verão, o vento traz a friagem e ninguém aguenta o frio. Faz muito frio mesmo. No mês de julho, o algodoeiro começa florindo. Do mês de agosto para o mês de setembro, o vento passa carregando o algodoeiro para muito longe, jogando as sementes para todos os cantos da mata, nos roçados novos, pra beira do rio... No mês de setembro, é tempo de vento forte. Nesse mês, os filhotes dos passarinhos, como periquito, maracanã, Japinim, saem dos seus ninhos nos primeiros voos, acompanhando o vento. O vento acende o fogo, e transmite muitas doenças da natureza, até doença dos "nawa"⁵. Antigamente, o povo falava que tinha um vento que existia no verão. Quando a gente estava trabalhando no roçado e quando o sol forte esquentava, o povo ficava com muita preguiça, porque estava com muito calor. Lá pelas 10 horas passava esse vento bem levezinho e nós índios chamávamos o vento da preguiça, porque quando esse vento passava, levava toda a preguiça que a gente tinha naquela mesma hora. Para nós *Huni Kuĩ*, o vento tem um braço e um olho só e nós reconhecemos o vento como guerreiro valente, porque derruba as árvores grandes e as casas malfeitas que não estejam bem seguras. Quando na aldeia passa muito vento, as crianças se escondem no lugar fechado para evitar o vento. Se as crianças não fazem isso, o espírito do vento leva o espírito da criança e ela fica doente. Por isso, quando venta muito, nós *Huni Kuĩ* ficamos silenciosos até parar de ventar. Quando vem um temporal, nunca a pessoa deve gritar, porque são os espíritos dos que já morreram. Esses espíritos trazem muitas qualidades de doenças, por isso, nós *Huni Kuĩ* respeitamos o vento. (Profs. Indígenas Huni Kuĩ, In: Gavazzi, 1993).

Já para os índios Apurinã, o vento é uma pessoa invisível, que mora no ar, vem do mar e "surge quando as nuvens se juntam". Quando o vento vem, os Apurinã devem ter certos cuidados, pois ele pode trazer sérios prejuízos para o desenvolvimento da sua agricultura, especificamente no caso do milho. O vento não fica parado, corre sem parar por toda parte do mundo, navega para o fim do mundo e para fora dele.

⁵ Nawa – termo usado para quem não é *Huni Kuĩ*, o outro, o estrangeiro, o não índio.

GAVAZZI, Renato Antonio; GOMIDE, Maria Lucia C. Geografia Indígena "aprendemos com os animais, sem ler, sem escrever", narrativas dos professores indígenas do Acre e Sudoeste do Amazonas. *Espaço Ameríndio*, Porto Alegre, v. 18, n. 2, p. 264-282, mai./ago. 2024.

No nosso conhecimento o vento é um fenômeno de natureza, porque nós não podemos ver, mas nós podemos senti-lo em nosso corpo. Podemos também observá-lo através dos movimentos que fazem as árvores. O vento surge quando as nuvens se juntam e formam um temporal forte, com muito vento e muita chuva. O vento é como um avião, porque o avião vem da cidade e o vento vem do mar. Na ciência do branco, o vento é utilizado para encher os pneus dos carros. O vento traz muita chuva, porque vem do mar. Meu pai contava que o vento vem do mar. No mar há um balseiro muito grande. A força do vento vem do balseiro que traz o vento para todo canto do mundo. O vento pode vir também do céu ou do vapor da mata. No conhecimento Apurinã, o vento tem um dilema. Quando o vento começa a soprar, o pai e a mãe das crianças mandam os meninos amiudar-se e balançar nas redes, assim dizem que é para o vento não derrubar os milhos que estão nos roçados. Os mais velhos falam que o vento é uma pessoa invisível chamada por natureza. Ele mora no ar, ele não fica parado e de vez em quando ele vem à terra. Quando ele olha para qualquer lugar do mundo, vai correndo, soprando naquela direção. Na época de verão, o vento navega para o fim do mundo, inclusive para um mundo fora do tempo, causando muita friagem. (Geraldo Aiwa Apurinã, In: Gavazzi 1993).

A chuva é o suor da terra

O clima do Estado do Acre é quente e úmido com duas estações: seca e chuvosa. A estação seca estende-se de maio a outubro. A estação chuvosa, o “inverno”, é caracterizada por chuvas constantes, que se prolongam de novembro a abril. No inverno, chove muito. O rio fica largo, a água fica barrenta, suja, escura. Tem muita corrente, dá muita água carregando folhas, paus, galhos e árvores inteiras. “É o repiquete. Quando dá repiquete, dá muita espuma no rio, essa espuma chama muito pium que pica muito. Tem um pássaro que avisa quando está perto de dar o repiquete, é o mergulhão da cara preta. No inverno, a água alaga tudo.” (Resende, Gavazzi, 1992: p 23).

A umidade relativa apresenta-se com médias mensais em torno de 80-90% com níveis elevados durante todo o ano. Os totais pluviométricos anuais variam entre 1.600 mm e 2.750 mm, e tendem a aumentar no sentido Sudeste-Noroeste. Na maior parte do Estado, as precipitações são abundantes e não há uma estação seca nítida. Os meses de junho, julho e agosto são os menos chuvosos. “No verão chove menos. O rio fica estreito, corre mais devagar. As águas são mais clarinhas, elas ficam limpas, a praia quente. A gente pesca muito, dá muito peixe. Fica tudo rasiho e por causa

da quentura, a gente toma muito banho no rio e nos igarapés” (Resende, Gavazzi, 1992). Porém, com as mudanças climáticas o Acre enfrenta grandes secas e chuvas muito fortes que causam grandes alagações nas cidades e terras indígenas.

Por causa dessa chuva forte de 2009 acabou toda a minha roça. Eu plantei mudubim ano retrasado em cima da terra, estava tudo bonitinho, mas murchou tudo. Fiquei sem mudubim. Agora plantei, e a roça vai apodrecendo nesta área. Nunca apodreceu assim! O que está fazendo acontecer isso, que eu não tenho mais roça, minha roça apodreceu tudo, por quê? Acho que é a mudança do clima que o pessoal está falando. (Artesã Aldenira Massal Dani Kaxinawá, In: Melgaço e Olinda, 2017, p. 112).

No texto abaixo sobre a concepção da chuva, observamos como o conhecimento científico ocidental foi incorporado, quando ele afirma que, “a água da chuva sobe com o vapor, e quando chega na atmosfera se transforma na chuva, precipitação”, porém todo o resto do texto tem fortes significados indígenas, através dos avisos do canto do sapo e do modo como a palmeira juari cai. O professor Geraldo relata os benefícios da chuva para a agricultura e dá uma explicação mística, cosmológica, quando diz que a chuva está no céu porque lá moram muitos pajés que já morreram, são eles que tomam conta da chuva. Também há referência aos “passarinhos encantados”, que em época distante carregavam carvão para colocar na parede do mar, evitando um outro grande dilúvio.

A chuva vem do mar. O arco-íris toma a água do mar, depois despeja no ar a água chovendo. A água da chuva não vem do céu. A chuva é o suor da terra. A terra sua, esse suor sobe como vapor para as nuvens, que em algumas horas desce para a terra e chove. Nós, Apurinã, sabemos quando está preparando para chover. Quando o macaco zogue-zogue canta animado é o primeiro sinal da chuva. Mas isso só quando ele canta de manhã. A chuva vem através dos ventos, das árvores, e das florestas. Mas como nós temos a mata, nós temos a chuva que forma o tempo. Para os Apurinã a chuva traz muitos benefícios para o crescimento do plantio do roçado, como mandioca, batata, macaxeira, banana, abacaxi, cará, inhame, milho etc. Nós quando escutamos o sapo doraru parar de cantar, sabemos que está próxima muita chuva, com muito vento. O mesmo acontece quando a palmeira Juari que solta sua primeira casca e cai sobre o chão. Quando a casca cai embocada é sinal de que não vai haver chuva. Mas quando cai desembocada, é sinal de muita chuva, muita água, muita trovoadas, o que causa muita tristeza para o índio Apurinã, porque sabemos que

morreu um parente em outro lugar... Ao mesmo tempo, ficamos também contentes, porque no ano de muita trovoada, chuva, vento, e água, vamos ter muita fartura de tudo, como caça, pesca, piqueá, mari, ôxi, jacá e mais outras frutas para alimentação. Também é muito bom para o plantio, que terá bom crescimento. É isso que a água da chuva traz. No conhecimento Apurinã, a chuva está no céu porque no céu moram muitos pajés que já morreram. São eles que tomam conta da chuva no céu. Quando um pajé morre, ele vai para o céu morar com os outros. Quando ele chega lá no céu, ele manda chuva para a terra para acabar com o mundo. Mas os outros pajés que estão junto com ele não o deixam mandar muita chuva. Então só chove pouco. Se chovesse muito, alagava o mundo inteiro. A chuva também acontece quando morre um índio. Então ele vai para o céu e quando ele chega no céu os outros que já morreram, os parentes, fazem a festa da alegria, porque ele já chegou. Quando eles fazem festa no céu, forma um temporal, com trovão e chove muito. Quando eu era pequeno, meu pai e minha mãe me orientavam sobre a chuva. Eles diziam que a chuva é a época que o mar está enchendo, e que nós morávamos numa ilha e que essa ilha é como se fosse abaixo do mar. Quando o mar começava a encher, a gente escuta quando chega a noite os patinhos cantando no céu assim: cuim, cuim, cuim, falando que está para chover, e os igarapés enchem pra valer. Quando começava a chover muito, tinha uns passarinhos que carregavam carvão para colocar na parede do mar. Esses passarinhos também não eram à toa, eles eram colocados pelos pajés, e segundo eles, por isso que morreu muita gente na época do dilúvio. (Geraldo Aiwá Apurinã, In: Gavazzi 1993).

Para a professora Manxineru, o surgimento da chuva está relacionado aos maus tratos da avó com o seu neto cobra, assustada ao ver deitada em seu peito a criança dotada de corpo humano sob sua pele animal, joga a criança no fogo, pensando que fosse uma cobra. Em razão desse acidente, pelo sofrimento do seu filho, a cobra do rio manda muita chuva com excessiva força para encher os rios. Nesse relato, a criança é um ser humano e é também animal, pois transforma-se de “animal em humano e reciprocamente” (Viveiros de Castro, 2011, p 97).

A história de antigamente sobre a chuva, meu povo conta assim: havia uma mulher que teve um filho com a cobra. Um dia a mulher entregou seu filho para sua mãe ficar com o menino, porque ela ia tirar pau para fazer fogo. A velha estava dormindo na rede e quando abriu os olhos viu uma

cobrinha em cima de seu peito. A velha jogou a cobra no fogo, porque ela pensava que era cobra mesmo. Quando a cobra caiu no fogo, começou a chorar. Com um pouco, a mãe da criança chegou e foi logo perguntando o que a criança tinha. A velha falou que ela não tinha nada, mas a criança não parava de chorar. Então, a mulher pegou seu filho chorando e foi para a beira do rio. Daí um pouco a cobra chegou perguntando o que o menino tinha. A mãe da criança falou que a sua mãe tinha jogado o seu filho no fogo. A cobra disse que ela ia esperar muito chuva, que ia chover muito. Logo começou a trovejar. Os sapinhos falavam animados que ia chover muito. Depois a chuva começou a encher os rios. (Jacira Manxineru, In: Gavazzi, 1993).

A relação sexual com seres não humanos dotados de poderes xamânicos, tão comum na mitologia amazônica, também é vista nesse relato, onde nasce uma criança cobra com forma visível de animal, que nada mais é do que uma forma de dissimulação. Como bem analisado por Descola (1997: p. 249), quando os animais regressam para suas casas é para se desnudarem de suas aparências, revestirem-se “com adornos de plumas e ornamentos cerimoniais e voltar a ser, de maneira ostensiva, as 'pessoas' que não tinham deixado de ser quando flutuavam nos rios ou revolviam a floresta.”

Quem sabe cantar, canta para poder acalmar o tremor da terra

O "país tropical abençoado por Deus" é abalado por terremotos, felizmente de baixo impacto. O Brasil está situado sobre a Placa Sul-Americana. Longe da borda de uma placa, os riscos de terremotos de grandes proporções são menores, com magnitude média de 4,5 graus e uma profundidade baixa (30 quilômetros). O Acre, no entanto, apresenta o maior nível de atividade do país em número e em intensidade dos sismos, pois está na região de abrangência dos efeitos da placa de Nazca, que, quando encontra a Placa Sul-Americana, no litoral do Peru, invade o continente. Nesse local, os terremotos acontecem em grandes profundidades (até 650 Km) e, mesmo os de maiores magnitudes, têm os seus efeitos atenuados na superfície da terra. (Santos, *et al*, 2019).

Em 1973, eu vi um grande estrondo muito comprido e muito longe lá pelas 4 horas da madrugada. Depois disso, eu vi a terra se mexer, era de manhã. A casa se mexeu e algumas coisas caíram da casa, o rio e as plantações balançaram, mexendo sem fazer vento. Meu pai, meu avô, meus tios gritaram e pisavam os pilões para evitar as doenças, porque quando a terra treme é sinal que vai morrer muita gente de doença muito forte. Depois disso, ficou tudo muito silencioso,

os pássaros, as pessoas pensando nas suas vidas. Depois disso, eu vi meu povo morrendo de gripe forte e de sarampo. Quando a gente ouve estrondo a gente fica muito triste e chora, também quem sabe cantar, canta para poder acalmar o tremor da terra, pedindo que não aconteça nada de ruim. (Edson Ixã Kaxinawá, In: Gavazzi 1993).

Segundo os *Huni Kuĩ*, quando a “terra treme” há um estrondo que anuncia sua chegada e é um sinal de que graves doenças estão por vir. Para evitar consequências negativas, as pessoas não podem ficar quietas durante o tremor: para espantar as doenças, todo mundo deve fazer muito barulho, por exemplo, gritando, batendo os pilões, dando tiros com as espingardas, assobiando, tocando flauta.

O arco-íris está bebendo água

O arco-íris é um fenômeno meteorológico e surge na forma de um arco de luz multicolorida, devido à refração da luz solar (luz branca) nas gotas de chuva que ficam suspensas na atmosfera. Em sua manifestação mais intensa, podem ser vistas as sete cores: vermelho na parte superior ou externa e sucessivamente laranja, amarelo, verde, ciano (ou turquesa), azul e violeta na parte inferior ou interna. Para os Manxineru o fenômeno meteorológico arco-íris está relacionado com a transformação de um menino que gostava de ficar olhando para o céu. Aqui mais uma vez temos as relações entre os humanos e não humanos estabelecendo a formação de fenômenos naturais.

Meu povo conta que antigamente tinha um menino que todas as manhãs bem cedo gostava de ver nuvens no terreiro. Quando o menino já tinha formado rapaz, continuava todas as manhãs a ficar sozinho olhando as nuvens. Um dia, o espírito da nuvem levou ele para o céu, e esse rapaz transformou-se no arco-íris. As cores diferentes que têm agora o arco-íris, dizem que era os colares de penas de papagaio, tucanos e outras aves que o rapaz usava. Por isso, meu povo, agora, quando eles veem o arco-íris, não deixam as crianças pegar chuva, porque não é chuva, é urina desse rapaz. As crianças podem pegar pereba no corpo, nem apontar com o dedo. Quando o arco-íris está em cima do rio é porque o rapaz que transformou-se em arco-íris está bebendo água, está com muita sede. Também contam que quando não aparece mais arco-íris é porque já é sinal de verão. (Jaime Lullu Manxineru, In. Gavazzi, 1993).

Considerações finais

Podemos afirmar que os vários povos indígenas possuem sistemas próprios de entender e organizar diante do mundo os eventos e os comportamentos. Também possuem um apurado conhecimento do seu ambiente, e vêm elaborando ao longo da sua história complexos sistemas de pensamento e modos próprios de produzir, armazenar, expressar, transmitir, avaliar e reelaborar seus conhecimentos e suas concepções sobre a vida, o mundo, o homem e o sobrenatural. O conhecimento tradicional dos povos indígenas se transmite através da oralidade, pois são povos de tradição ágrafa⁶, e a aquisição da língua escrita é fato muito recente, que passou a acontecer com a chegada das escolas em suas comunidades.

As narrativas indígenas sobre os fenômenos naturais aqui apresentadas, são registros de seus conhecimentos e das formas como essas sociedades interagem com o meio ambiente, mostrando apenas pequena parte de uma imensa riqueza muitas vezes “oculta” por insuficiência de pesquisa empírica. Neste momento ainda temos poucas geógrafas e geógrafos se ocupando com o assunto indígena, em um país com enorme extensão territorial e imensa diversidade sociocultural. A invisibilidade da questão indígena na geografia no Brasil ainda é grande e a realização de pesquisas que deem destaque à dimensão cultural na geografia auxiliariam a divulgar e a entender a concepção indígena de natureza, como já citado anteriormente e explicado pela teoria do perspectivismo ameríndio desenvolvida por Viveiros de Castro.

Com sua variedade e originalidade, essa diversidade sociocultural é um extraordinário patrimônio cultural que deve ser respeitado, valorizado, divulgado e preservado. Assim, mostrando outras formas de entender e compreender o mundo, revelando outras geografias, pesquisadores e pesquisadoras estariam ampliando o conhecimento em novos sentidos e caminhos com a contribuição sempre bem-vinda dos professores e alunos indígenas do Brasil.

⁶ “Quando me refiro à expressão “sociedade ágrafa”, penso num modelo de sociedade onde está ausente um tipo de grafismo, o da escrita linear e fonética, que caracteriza a sociedade ocidental, sem com isso querer negar outros sistemas gráficos de escrita” (Gavazzi: p 151)

GAVAZZI, Renato Antonio; GOMIDE, Maria Lucia C. Geografia Indígena “aprendemos com os animais, sem ler, sem escrever”, narrativas dos professores indígenas do Acre e Sudoeste do Amazonas. *Espaço Ameríndio*, Porto Alegre, v. 18, n. 2, p. 264-282, mai./ago. 2024.

Referências Bibliográficas

BENITES, Eliel. **Tekoha Ñeropu'ã: aldeia que se levanta**. In Rev. NERA v. Dossiê, Presidente Prudente, 2020, 23, n. 52, p. 19-38.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto Secretaria de Educação Fundamental. Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas, Brasília. 1998.

CONTI, José Bueno. **Contribuição da geografia brasileira no entendimento do mundo tropical**. Mimeo: Londrina, 2002.

DESCOLA Philippe. **Estrutura ou sentimento: a relação com o animal na Amazônia**. In *Mana*, UFRJ, Rio de Janeiro, 1998, p 23-45.

_____. **Ecologia e Cosmologia**. In: (Org.) Edna Castro e Florence Pinton - *Fase do Trópico úmido - Conceitos e questões sobre o desenvolvimento do meio Ambiente*. Universidade Federal do Pará, Núcleo de Altos Estudo Amazônico, Editora Cejup, São Paulo, p. 243-261, 1997.

DIEGUES, Antonio Carlos; ARRUDA, Rinaldo Sergio V. (Org.). **Saberes tradicionais e biodiversidade no Brasil**. Brasília: Ministério do Meio Ambiente; S. Paulo: USP, 2000.

ELKINTON, Kawena. **'A'ole Pau Ka 'Ike I Ka Hālau Ho'okahi (Knowledge Is Not Restricted To One School Of Thought): Reflecting on the Significance of Indigenous Knowledge in Geography**. *Society Space*, 2023. Disponível em: <<https://www.societyandspace.org/articles/a-ole-pau-ka-ike-i-ka-halau-ho-okahi-knowledge-is-not-restricted-to-one-school-of-thought-reflecting-on-the-significance-of-indigenous-knowledge-in-geography>>. Acesso em: 21 jan. 2024.

GAVAZZI, Renato Antonio. **Relatório do XII Curso de Formação dos Professores Índios do Acre e Sudoeste da Amazonas – Disciplina de Geografia**. Mimeo: Setor de Educação, Comissão Pró-Índio do Acre – Rio Branco, 1993.

_____. **Observações sobre uma sociedade ágrafa em processo de aquisição da língua escrita**. In Revista Em Aberto, Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais - INEP – MEC, Brasília, 1994, número 3, ano 14, p. 151-159, n.63.

GUERRA, Emerson Ferreira; ARRUIZZO, Roberta Carvalho. **Geografia e Povos Indígenas: um panorama da produção brasileira contemporânea**. Rev. NERA, Dossiê, Presidente Prudente, v. 23, n. 54, p. 115-136, 2020.

HERMAN, R. Douglas K. **Reflections on the Importance of Indigenous Geography**. *American Indian Culture and Research Journal*, p. 73-88, 2008.

MACAS, Luis. **La necesidad política de una reconstrucción epistémica de los saberes ancestrales**. In: Identidad cultural; mujeres indígenas; agua; democracia; Estado; pueblos indígenas; movimientos indígenas; gobernabilidad; globalización; América Latina. CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, Buenos Aires, p. 35-42, 2005.

MAGALHÃES, Antonio Carlos (Org.). **Introdução – Sociedades Indígenas e Transformações Ambientais** – Núcleo de Meio Ambiente – Universidade Federal do Pará – Belém, p. 13–23, 1993.

MELGAÇO, Ana Luiza; SENA, Vera Olinda. **Hũ hiwea, betsa betsapa hiweabu – Nossa biodiversidade, nossa vida**. Comissão Pró Índio do Acre, Rio Branco, 2017.

PORTO GONÇALVES, Carlos W. **Pela Vida, pela Dignidade e pelo Território: um novo léxico teórico político desde as lutas sociais na América Latina/ Abya Yala/Quilombola**. In: Polis, Revista Latinoamericana, Volumen 14, Nº 41, p. 237-251, 2015.

POSEY, Darrel. **A Etnobiologia: teoria e prática**. In: (Coord.) RIBEIRO, Beta G. Suma Etnológica Brasileira – Vozes – 2ª edição, Petrópolis, p.15-25, 1997.

RESENDE, Márcia Spyer; GAVAZZI, Renato Antonio. (Org.). **Geografia Indígena – Setor de Educação**. Comissão Pró-Índio do Acre, Rio Branco, 1992.

RESENDE, Márcia S. **Geografia é mata, floresta, cipó, mariri - A cartografia dos povos indígenas do Acre**. Mimeo, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2006.

SANTOS, Waldemir Lima dos; CRISÓSTOMO, Cleyton Aguiar; BARBOSA, Antonio Roney de Figueiredo; SILVA, Pâmela Moura da; NASCIMENTO, Francisco Ivam C. do. **Atividades sísmicas na Amazônia: levantamento e caracterização de terremotos na Amazônia Sul-Occidental** – Acre – Brasil. Revista Geo UECE – Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, v. 08, n. 15, p. 66-77, jul./dez.2019.

SOUSA SANTOS, Boaventura. **La refundación del estado em América Latina: perspectiva desde una epistemología del sur**. IVIC Caracas. 2010.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. **A inconstância da alma selvagem – e outros ensaios de antropologia**. São Paulo: Cosac Naify, 2011.

_____. **Os Pronomes Cosmológicos e o Perspectivismo Ameríndio**. Mana 2 - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, p. 115-144, 1996.

Recebido em: 22/03/2024 * Aprovado em: 19/06/2024 * Publicado em: 31/08/2024
